



Relações Internacionais e Religião: Frei Betto, a crítica do ateísmo do socialismo internacional e a construção da laicidade do socialismo cubano

International Relations and Religion: Frei Betto, criticizing the atheism of international socialism and building the secularism of Cuban socialism

Relaciones internacionales y religión: Frei Betto, la crítica del ateísmo del socialismo internacional y la construcción de la laicidad del socialismo cubano

Fábio Régio Bento¹

DOI: 10.5752/P.1809-6182.2019v13n3p42

Recebido em: 08 de maio de 2019
Aceito em: 01 de dezembro de 2019

Resumo

Neste artigo estudaremos a experiência política-internacionalista de Frei Betto com o objetivo de identificar o papel exercido pelo brasileiro na transformação política de Cuba que trocou o ateísmo de Estado pela laicidade. Utilizamos fontes bibliográficas para a redação e participação em eventos temáticos para a formulação das aproximações hermenêuticas apresentadas.

Palavras-chave: *Frei Betto. Cuba. Relações Internacionais.*

Abstract

In this article, we will study Frei Betto's political-internationalist experience in order to identify the role played by the Brazilian in the political transformation of Cuba, which changed state atheism by secularism. We use bibliographic sources for the writing and participation in events for the formulation of the hermeneutic approaches.

Keywords: *Frei Betto. Cuba. International Relations.*

Resumen

En este artículo, estudiaremos la experiencia político-internacionalista de Frei Betto con el objetivo de identificar el papel desempeñado por lo brasileño en la transformación política de Cuba que cambió el ateísmo del Estado por la laicidad. Utilizamos fuentes bibliográficas y participar en eventos temáticos para formular los enfoques hermenéuticos presentados.

Palabras clave: *Frei Betto. Cuba. Relaciones Internacionales.*

¹ Pós-doutor junto ao Núcleo de Estudos da Religião do PPGAS da UFRGS com pesquisa sobre Religião e Revolução na América Central (2015). Doutor em Ciências Sociais pela PUC San Tommaso (Roma, 1996). Mestre em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana da PUC Lateranense (Roma, 1992). Professor associado na Universidade Federal do Pampa onde leciona Política, Relações Internacionais e Religião no curso de Relações Internacionais (campus Santana do Livramento-RS). Professor colaborador no mestrado em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (campus João Pessoa). Membro do CEPRI: Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião. <https://orcid.org/0000-0003-3796-1799>

Introdução

No capítulo de livro intitulado *Religião nas Relações Internacionais*, o britânico Jeffrey Haynes (2016, p. 22), diretor do Centro de Estudos de Religião, Conflito e Cooperação da London Metropolitan University (UK), destacou que há duas categoriais de atores religiosos “ativos atualmente nas relações internacionais”, os estatais e os não-estatais. Entre os não-estatais estão “indivíduos, movimentos religiosos transnacionais e instituições”, figuras como Desmond Tutu, Papas como João Paulo II, Papa Francisco, movimentos como a Al-Qaeda e instituições como a Santa Sé/Vaticano (HAYNES, p. 23).

O caso Frei Betto se insere nas três modalidades de ator religioso não-estatal identificadas por Haynes: Betto faz parte do movimento latino-americano da Teologia da Libertação, situado na esquerda da instituição Igreja Católica, e se trata de uma biografia politicamente relevante pela influência local e internacional gerada por suas obras literárias, várias delas traduzidas em vários idiomas, e sua atuação política internacional, que analisaremos neste artigo do ponto de vista de sua atuação internacional pela construção da laicidade de experiências socialistas caracterizadas pelo ateísmo devido à influência exercida ao longo de décadas pela União Soviética no socialismo internacional.

Nos cursos de Relações Internacionais do Brasil, estudar Relações Internacionais e Religião não é regra geral, mas já há oferta da disciplina, como obrigatória ou optativa, em alguns cursos brasileiros de graduação em Relações Internacionais (CARLETTI; FERREIRA, 2018).

A temática já conta com a publicação de um livro específico no Brasil, intitulado *Religião e Relações Internacionais*, publicado em 2016 pela Editora Juruá (Curitiba), organizado

pela professora Anna Carletti, do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa, e pelo professor Marcos Alan Ferreira, da Universidade Federal da Paraíba, cujo quinto capítulo, sobre Relações Internacionais e Religião na América Latina é de nossa autoria.

O analista das Relações Internacionais que reconhece o poder relativo dos sujeitos coletivos confessionais transnacionais, independente de concordar ou não com a atuação local e internacional desses movimentos, instituições e biografias confessionais, não negligencia em seus estudos a análise da influência política de tais sujeitos coletivos confessionais no cenário complexo das relações internacionais. A análise se desenvolve geralmente por meio do estudo de casos, dada a complexidade cognitiva dos sujeitos e cenários e das relações entre tais sujeitos e cenários. Nesse sentido, estudos “civilizatórios” sobre religiões transnacionais e relações internacionais correm o risco de se tornarem explicações mais apologéticas do que de pesquisa.

Em artigo anterior (BENTO, 2017), procuramos demonstrar, por meio de pesquisa histórico-bibliográfica, que o ateísmo do socialismo soviético não deriva de Karl Marx, que foi ateu, mas não ateísta, mas de fonte externa ao marxismo que foi adotada por Lenin e levada por ele para dentro do socialismo soviético. E tal associação a nosso aviso equivocada entre ateísmo, marxismo e socialismo exerceu forte influência nos países e movimentos socialistas internacionais para os quais foi exportada. Mesmo após o término da União Soviética, essa associação produzida e difundida internacionalmente pelo socialismo leninista-soviético permanece como memória político-cultural de movimentos socialistas internacionais como se fosse tese-dogma do marxismo para movimentos e Estados socialistas.

A contestação teórico-prática da associação leninista entre marxismo e ateísmo emerge, porém, em vários autores, entre eles Rosa Luxemburgo (BENTO, 2017), contemporânea e crítica de Lenin, e também nas ações (locais-internacionais) e pensamento de Frei Betto, dominicano brasileiro que é ao mesmo tempo crente e socialista.

Em Frei Betto (1986a; 2006; 2015) fica evidente que a briga entre comunismo - que seria ateu, por ser marxista, “materialista” - e religiões, tratadas *tout court* como resquício de irracionalidade da humanidade pelos positivistas burgueses e pelos positivistas socialistas, é uma história mal contada.

Frei Betto contesta a confessionalidade (ateísmo) do socialismo e, no caso do socialismo cubano, promoveu diretamente, como veremos no artigo, a desconstrução dessa confessionalidade de Estado e construção da laicidade do socialismo cubano, com o abandono também jurídico do ateísmo de Estado no início da década de 1990.

Betto escreveu e publicou dezenas de livros e centenas de artigos². Sobre sua vida de militante e literato (uma relação de unidade e distinção) destacamos a recente *Biografia de Frei Betto*, escrita por Evanize Sydow e Américo Freire (2016), e seu premiado livro *Batismo de Sangue* (2006), que chegou também ao cinema.

Pode-se verificar também o posfácio do livro *A Guerra dos deuses*, onde Michael Löwy (2000) analisa a contribuição dos intelectuais franceses da ordem dos dominicanos, comunidade religiosa de Betto, na formação da esquerda católica brasileira. Além disso, para a compreensão do contexto histórico inicial de sua

experiência política de juventude na Juventude Estudantil Católica (JEC) e Juventude Universitária Católica (JUC) pode-se conferir o livro *História da Ação Popular, da JUC ao PCdoB*, de Haroldo Lima e Aldo Arantes (1984), a pesquisa do brasilianista Scott Mainwaring, *Igreja Católica e Política no Brasil*, sobretudo os capítulos sobre a Igreja reformista e a esquerda católica (2004, p. 62-100), e a pesquisa do historiador Oscar Beozzo, *Cristãos na Universidade e na Política – história da JUC e da AP* (1984).

Nesta pesquisa, focaremos especificamente apenas neste recorte do pensamento político de Frei Betto: socialismo internacional e laicidade.

Socialismo internacional e laicidade

Em Frei Betto (1990; 2007; 2015), a previsão positivista do declínio inelutável da religião pelo “progresso da ciência” é biograficamente contestada, dado que se trata de um intelectual socialista crente, autor de dezenas de livros que, com o passar dos anos continua crente, intelectual e socialista.

O pensamento político de Frei Betto é pensamento em ação. E a sua, mais do que militância partidária (nunca foi filiado a partido), é militância em movimentos de base, tipificada não pelo basismo vulgar de quem mitifica a base em si. Ao contrário, é caracterizada pela visão de quem considera a base como uma experiência em autoconstrução nos processos de tomada de consciência (educação popular) das situações constitutivas de dominação de classe, de raça, de gênero, e contestação dessas formas coletivas estruturais de subordinação.

Dessa forma, em Frei Betto, a defesa da tese da laicidade do socialismo internacional ocorre nessa sua trajetória prático-teórica: ele

² Disponível em: <http://www.freibetto.org/index.php>. Acesso em: 20/12/2017.

viaja por países socialistas, encontra-se com líderes políticos, contesta a tese confessional do ateísmo de Estado diante de seus próprios sustentadores e reivindica, em tal contexto prático-dialético, a associação entre socialismo e laicidade. As suas formulações teóricas são construídas nesses diálogos francos e, por isso, algumas vezes tensos.

Tudo começou em Manágua

No dia 11 de abril de 2014, uma sexta-feira, em entrevista que nos concedeu pela manhã, em Manágua, na sede do Movimento Fe y Alegria, o sacerdote jesuíta Fernando Cardenal, que foi ministro de Estado da junta revolucionária sandinista, nos relatou que

na celebração do primeiro ano da Revolução Sandinista, em julho de 1980, Fidel veio nos visitar. Felicitava-nos pela “aliança entre cristãos e marxistas na luta revolucionária” quando uma freira levantou o braço e disse que não tinha sido bem assim. “Puxa, deixamos uma freira reacionária entrar na reunião com Fidel”, pensei. Mas ela concluiu: “Aqui não houve aliança entre cristãos e marxistas. Trabalhamos todos juntos na luta revolucionária”. Não era uma freira reacionária, mas mais revolucionária do que pensei (BENTO, 2016, p. 75-77; CARDENAL, 2009).

Nessa celebração do primeiro aniversário da Revolução Sandinista, estava também Frei Betto, que manteve uma conversa ousada com Fidel Castro, como veremos, dando início, assim, em Manágua, ao processo de construção da laicidade do socialismo cubano (BETTO, 2015).

Para as festividades desse 1º aniversário da Revolução Sandinista, o governo da Nicarágua convidara, do Brasil, dom Paulo Evaristo Arns (que não pôde viajar), Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Partido dos Trabalhadores, e Frei Betto. Dois religiosos e um civil. Entre os

convidados internacionais a grande atração era Fidel Castro.

Na Praça 19 de Julho, pela manhã, dia 19 de julho de 1980, Fidel discursou para 600 mil pessoas. Após o ato, o ministro das Relações Exteriores da Nicarágua, o sacerdote sandinista Miguel D’Escoto deu carona a Betto até seu hotel e avisou-lhe de ficar atento ao telefone, pois queria que viesse com ele à casa de um amigo naquela mesma noite. De fato, Betto foi depois levado à casa de Sérgio Ramirez, escritor nicaraguense, membro da Junta de Governo. Pela mediação desse sacerdote católico revolucionário, quando os últimos convidados se retiraram, por volta das 2h da madrugada, na biblioteca da casa de Sérgio Ramirez ocorreu o primeiro encontro entre Betto e Fidel. O brasileiro pensou que além de ser o primeiro seria também o único. Não sabia que dialogaria com o revolucionário cubano dezenas de outras vezes.

Naquela madrugada de julho, Frei Betto discorreu sobre as Comunidades Eclesiais de Base e sobre a escolha que considerava equivocada dos partidos comunistas que adotaram o ateísmo como programa político. Fidel, por sua vez, destacou que em Cuba, às vésperas da Revolução de 1959, diversamente da Nicarágua, o clero católico era conservador e mesmo franquista. Depois, o diálogo entre eles tomou o seguinte rumo:

- Por que o Estado e o Partido Comunista de Cuba são confessionais? – perguntou Betto.

- Como Confessionais?! – reagiu Fidel, surpreso. - Somos ateus.

- O ateísmo é uma forma de confessionalidade, assim como o teísmo, pois professa a negação da existência de Deus. Uma conquista da modernidade é o Estado e o partido laicos. Um Estado ateu é tão confessional quanto um Estado cristão ou muçulmano.

- Você tem razão – admitiu Fidel. – Estaria disposto a nos ajudar a conseguir um bom diálogo com os bispos cubanos?

- Sim, comandante, desde que eles também estejam dispostos a isso (BETTO, 2015, p. 43).

Na biblioteca da casa de Sérgio Ramirez, em julho de 1980, começou a construção da laicidade do socialismo cubano por meio da influência exercida pelo religioso brasileiro junto ao revolucionário cubano.

De fato, anos depois, durante o IV Congresso do Partido Comunista cubano, em outubro de 1991, decidiu-se pela supressão do caráter ateu do partido, que passou a ser considerado laico. Para o Partido Comunista de Cuba, a crença religiosa não seria mais obstáculo à filiação. Os bispos cubanos, entretanto, dois meses depois proibiram os católicos de se filiarem ao partido (BETTO, 2015, p. 126).

No ano seguinte (1992), a Assembleia Nacional modificou a Constituição e considerou Cuba como sendo um Estado laico, mesmo sem usar essa expressão (laicidade no conteúdo da lei):

Esta Constitución proclamada el 24 de febrero de 1976, contiene las reformas aprobadas por la Asamblea Nacional del Poder Popular en el XI Período Ordinario de Sesiones de la III Legislatura celebrada los días 10, 11 y 12 de julio de 1992.

Artículo 8° - El Estado reconoce, respeta y garantiza la libertad religiosa. En la República de Cuba, las instituciones religiosas están separadas del Estado. Las distintas creencias y religiones gozan de igual consideración.

Artículo 55° - El Estado, que reconoce, respeta y garantiza la libertad de conciencia y de religión, reconoce, respeta y garantiza a la vez la libertad de cada ciudadano de cambiar de creencias religiosas o no tener ninguna, y a profesar, dentro del respeto a la ley, el culto religioso de su preferencia³ (CUBA, 1992).

3 Constitución de la República de Cuba (1992). Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/cuba.htm>. Acesso em: 30/10/2017.

Questionado por um jornalista sobre essa passagem, em Cuba, da confessionalidade (ateísmo) de partido e Estado à laicidade, o teólogo brasileiro Leonardo Boff explicou que

O mérito desse trabalho é de Frei Betto. O que de fato mudou a situação foi o livro dele [do Frei Betto] *Fidel e a religião* [1985]. O livro vendeu um milhão de exemplares em Cuba. Agora saiu uma nova edição, outra vez com uma tiragem de um milhão de exemplares. Então, o povo percebeu que não há contradição entre cristianismo e socialismo. A partir disso, Fidel aceitou e convidou o papa João Paulo 2º, depois o papa Bento 16, e agora o papa Francisco, duas vezes (BOFF, 2016).

Portanto, no meio do caminho tinha um livro, que quebrou a pedra exógena do ateísmo de Estado. Entre o encontro na biblioteca de Sérgio Ramirez, em 1980, e as mudanças em relação às conexões entre socialismo e religião ocorridas em Cuba em 1991 e 1992, está *Fidel e a Religião* (BETTO, 1986b).

Fidel e a Religião: um caso de literatura militante

Frei Betto pisou em Cuba pela primeira vez em setembro de 1981, integrando a delegação brasileira do Iº Encontro de Intelectuais pela Soberania dos Povos de nossa América. Entre setembro de 1981 até o início das entrevistas com Fidel, em 1985, o religioso brasileiro retornou várias vezes à ilha. A proposta de entrevistar Fidel com o objetivo de fazer um livro sobre religião foi-lhe feita em fevereiro de 1985 - Betto fora convidado como jurado do prêmio literário da *Casa de las Americas* - durante um jantar com Fidel, que aceitou, marcando as entrevistas para maio do mesmo ano (SYDOW; FREIRE, 2016).

O brasileiro traduziu pessoalmente o conteúdo de 23 horas de diálogo que ocorreram de 23 a 28 maio de 1985. Foi a primeira vez

que Fidel deu entrevistas especificamente sobre o tema religião, o que foi possível porque Fidel andava já percebendo as mudanças de lugar político de algumas ideologias confessionais no terreno da luta de classes latino-americana. Antes da Nicarágua, de fato, havia dialogado com sacerdotes chilenos socialistas em novembro de 1971. Tratara sobre o tema religião também na Jamaica, em outubro de 1977, dessa vez com cristãos majoritariamente protestantes (SYDOW; FREIRE, 2016).

Fidel e a Religião: conversas com Frei Betto, foi lançado no Brasil na primeira semana de outubro de 1985, alcançando várias edições em poucos meses. Em Cuba, a primeira edição ultrapassou os 360 mil exemplares. A obra chegou às livrarias de Havana no dia 02 de dezembro de 1985, esgotando-se em apenas duas horas. Em Pinar del Rio, Matanzas e Isla de la Juventud, os livros chegaram no dia 04 de dezembro. Em Villa Clara, Cienfuegos, Sancti Spiritus, Ciego de Avila e Camagüey, no dia 06. Em Santiago de Cuba, Las Tunas, Holguín, Granma e Guantánamo, no dia 09 (SYDOW; FREIRE, 2016).

Fidel e a Religião foi um dos maiores fenômenos da história editorial cubana:

Muitas pessoas em Cuba deixaram de ir ao trabalho para conseguir comprar um exemplar, porque os estoques se esgotavam logo que chegavam às livrarias. Quem deixava para adquirir no final do dia já não encontrava o livro disponível. Chegou ao ponto de o Ministério da Cultura proibir a venda de mais de um exemplar por pessoa, para impedir que se criasse um mercado clandestino. A polícia teve que ir a algumas livrarias porque o público amotinado quebrava vitrines. Quem estava nas filas para comprar dizia coisas como “sou religiosa e estou certa que nele Fidel disse coisas de grande valor”, “encontraremos no livro materiais muito esclarecedores” ou “será uma fonte singular de ensino para o povo”. Hoje (2016), a tiragem cubana da obra – tra-

duzida em 32 países e 20 idiomas – passa de 1,3 milhão de exemplares (SYDOW; FREIRE, 2016, p. 16).

Só o fato de um líder socialista internacional como Fidel Castro tratar sobre o tema religião com seriedade, considerando-o relevante, e tendo como interlocutor um intelectual ao mesmo tempo crente e socialista, já representava em si um fato subversivo, pela contestação do ateísmo socialista, considerado “normal” nos círculos leninistas.

O livro, portanto, em si provocador, ao ser lido perturbava os setores “confessionalistas” do socialismo internacional também por seu conteúdo. Nele, Fidel (apud BETTO, 1986b, p. 19) elogiou os cristãos revolucionários e criticou os marxistas que adotavam o sectarismo em suas relações com os crentes revolucionários: “Há muitos marxistas que são doutrinários. E acredito que ser doutrinário neste problema dificulta esta questão”. Fidel (apud BETTO, 1986b, p. 332) afirmou também que a frase “a religião é o ópio do povo”, que pode ter sido “justa num determinado momento” e valer ainda em algumas circunstâncias,

de nenhum modo tem ou pode ter o caráter de dogma ou de verdade absoluta. É uma verdade ajustada a determinadas condições históricas concretas. Creio que é absolutamente dialético e marxista tirar esta conclusão. Em minha opinião, a religião, sob a ótica política, não é em si mesma ópio ou remédio milagroso. Pode ser ópio ou maravilhoso remédio na medida em que sirva para defender os opressores e os exploradores ou os oprimidos e os explorados.

As reflexões abertas de Fidel sobre a religião foram rejeitadas tanto por católicos reacionários quanto por marxistas “ortodoxos”. Bem acolhido em Cuba, o livro, de fato, foi censurado em países do socialismo real que adotaram o ateísmo de Estado e partido dos velhos manuais produzidos e exportados pelo socialismo soviético.

Com a sua publicação, porém, Betto ficou mais conhecido internacionalmente, tornando-se uma espécie de símbolo vivo da possibilidade de relações críticas e construtivas entre marxismo, socialismo e religião. Assim, aumentaram os convites para visitas em países socialistas, para onde se dirigia sozinho ou em delegações com outros pesquisadores-militantes do movimento da Teologia da Libertação. Dessa forma, quando chegava, sua presença já possuía o significado paradigmático citado, que Betto utilizava para promover abertura à liberdade religiosa, propondo direta e indiretamente o reconhecimento da laicidade do socialismo como forma de se efetivar a liberdade coletiva de credo ou não-credo nesses Estados socialistas confessionais (ateísmo de Estado).

Repercussão internacional de Fidel e a Religião

Quando de sua viagem a Moscou, em maio de 1986, Frei Betto (2015, p. 183) encontrou-se com Konstantin Khartchev, e disparou: “Não considero positivo o conteúdo dos manuais soviéticos de marxismo exportados para a América Latina. São dogmáticos e tratam a questão religiosa de modo simplista e preconceituoso”.

Na então Tchecoslováquia, onde Betto esteve em junho de 1988, o Partido Comunista “não autorizou uma edição em tcheco de *Fidel e a religião*. Só mesmo em inglês. Alegaram que o livro ‘é muito cubano’ e haveria o risco de quererem aplicá-lo ali...” (BETTO, 2015, p. 300). Todavia, também na Tchecoslováquia, no dia 26 de maio de 1989, monsenhor Liska (apud BETTO, 2015, p. 375), bispo auxiliar de Praga, revelou a Frei Betto: “Graças ao seu livro utilizei, junto ao governo tcheco, argumentos

de Fidel Castro favoráveis ao trabalho das religiosas em Cuba. Assim, conseguimos tirá-las da clandestinidade. Agora só faltam os religiosos”.

Nesse mesmo dia, Betto encontrou-se com Cinolder e Mracan, membros do Comitê Central do Partido Comunista, com quem debateu o direito à liberdade religiosa. Queria saber também por que não permitiram a publicação integral de *Fidel e a religião* na Tchecoslováquia. “Nossos filósofos acham que a posição de Fidel diante da religião pode causar dúvidas na cabeça de nossos militantes”, responderam (BETTO, 2015, p. 376). Na noite desse mesmo dia, Frei Betto autografou a versão resumida de *Fidel e a religião*, com o título também modificado, ou seja, com censura no conteúdo e na forma: *Caminhar ao lado dos pobres (Na strasse chudych)*. Além disso, a obra de Betto e Fidel, editada por um organismo ecumênico, “não foi vendida ao público, apenas distribuída gratuitamente nos círculos religiosos” (BETTO, 2015, p. 377).

Na Alemanha Oriental o título do livro também foi modificado: *Frei Betto: conversações noturnas*. Censuraram o nome de Fidel Castro na capa, pois poderia gerar “confusão” (SYDOW; FREIRE, 2016, p. 277).

Betto, com outros brasileiros, esteve também na República Popular da China, em outubro de 1988. Na cidade de Pequim, em diálogo com Madame Chao Jinru, vice-presidente da Comissão de Assuntos Religiosos, o teólogo brasileiro Clodovis Boff a interrogou sobre as relações entre ateísmo e marxismo, e sua resposta foi a seguinte: “Nosso pensamento fundamental é o materialismo histórico e o materialismo dialético. Esta é a nossa referência de base. Se utilizamos o materialismo dialético, somos, portanto, ateus. (...) Como marxistas, somos ateus, mas não podemos exigir que toda a população também o seja” (apud BETTO, 2015, p. 314).

Frei Betto a contestou citando a carta de Marx a Bolte onde ele critica a proposição de Bakunin de impor “o ateísmo como dogma obrigatório para os membros da Internacional” (MARX, 1871). O religioso sustentou que o conflito com a religião deveria ser interpretado de um ponto de vista histórico-político e não como uma questão de princípio. Sua tentativa, porém, foi rejeitada: “Cremos no marxismo e somos materialistas; portanto, ateus”, sintetizou Chao Jinru (apud BETTO, 2015, p. 315). A laicidade do materialismo do marxismo não estava contida no seu leque de possibilidades hermenêuticas.

Em Hankou, no dia 16 de outubro de 1988, encontraram-se com Wang Chu Jie, presidente do Birô de Assuntos Religiosos de toda a província de Hubei, que sustentou a tese da confessionalidade da dialética: “Nós, como militantes do Partido Comunista, somos ateus, devido ao materialismo dialético” (apud BETTO, 2015, p. 330). E ainda: “A única coisa que diferencia um militante do Partido e um cristão é a fé. Temos fés diferentes. Cremos no materialismo ateu e, vocês, em Jesus Cristo” (apud BETTO, 2015, p. 330).

Em Xangai, os brasileiros encontraram-se com o vice-presidente do Birô de Assuntos Religiosos, Senhor Albert. “Funcionários do Birô de Assuntos Religiosos nos disseram que a religião vai desaparecer. Vocês dizem que ela deve contribuir para o progresso do país. Deve-se trabalhar para o desaparecimento da religião?”, perguntou-lhe Frei Betto (BETTO, 2015, p.338). “Nós, materialistas dialéticos, afirmamos que há leis objetivas na natureza e na história. Tudo nasce, cresce, declina e desaparece”, respondeu-lhe o vice-presidente do Birô chinês de Xangai (apud BETTO, 2015, p. 338).

Betto (2015, p.338) continuou questionando-lhe: “E o marxismo, enquanto fenôme-

no objetivo, também desaparecerá?”. Senhor Albert respondeu que sim, pois “todos os fenômenos objetivos estão sujeitos ao ciclo de nascimento e morte, inclusive o Partido Comunista e o país” (apud BETTO, 2015, p.338).

Betto (2015, p.338) pisou no pedal da provocação com uma última pergunta: “A lei da objetividade também é um fenômeno objetivo. Ela também desaparecerá?”. Acuado, o vice-presidente do Birô de Assuntos Religiosos pediu calma: “Sejamos pacientes e aguardemos o tempo...” (apud BETTO, 2015, p.338).

A China, portanto, acolheu Betto, mas não sua crítica da confessionalização do marxismo e socialismo. Na América Latina, porém, estava sendo diferente.

Em janeiro de 1989, nos festejos do 30º aniversário da Revolução Cubana, Betto abriu uma mesa-redonda na Escola Superior do Partido, em Havana, analisando as relações entre cristianismo e marxismo, Igreja e Estado nos países socialistas. Na plateia, dezenas de dirigentes políticos cubanos e latino-americanos.

Rigoberto Padilla (apud BETTO, 2015, p. 347), secretário-geral do Partido Comunista de Honduras, interveio:

Meu primeiro impacto com os cristãos veio da leitura do documento episcopal de Medellín e do testemunho de sacerdotes que deram a vida pelo povo. Antes, ficava-se discutindo se haveria ou não glória eterna, quando se deveria discutir é se há ou não injustiça terrível e como combatê-la. Considero um absurdo que, no passado, meu partido exigisse que seus militantes renunciassem à fé, provocando profundos traumas psicológicos. Hoje, em Honduras, estão unidos os comunistas, os católicos e os luteranos. A entrevista de Fidel Castro sobre a religião foi amplamente difundida em meu país. A meu ver, não há contradição entre religião e revolução.

Nesse mesmo evento, Alvaro Monteiro (apud BETTO, 2015, p. 347), secretário-geral

do Partido Socialista da Costa Rica, destacou que “devemos falar de ‘revolucionários’ e não de ‘cristãos e marxistas’. Ingressar num partido marxista não torna ninguém revolucionário, a não ser como ato de fé. São as atitudes concretas que forjam um revolucionário”.

Ainda em janeiro de 1989, em Cuba, Frei Betto ouviu de Carlos Aldana (apud BETTO, 2015, p. 364), então responsável pelas esferas ideológica e cultural do Secretariado do Comitê Central do Partido Comunista:

O Partido tem, hoje (1989), cerca de 500 mil militantes e 600 mil na Juventude Comunista. Reconhecemos que há um vazio na elaboração teórica. Domingo passado, Fidel disse que é preciso acabar com o ensino dogmático do marxismo. Sabemos que as escolas do Partido são incipientes e, por isso, estamos revendo seus textos e métodos. Basta dizer que passamos dez anos sem estudar a história de Cuba como matéria específica! Era parte da história geral.

Em dezembro de 1991, novamente em Havana, Betto dialogou com Carneado, do Comitê Central, sobre as mudanças ocorridas no outubro anterior no partido comunista e sobre a iminente reforma da Constituição com a proposta, que depois se confirmou, de desconfessionalizar também o Estado cubano. Comentaram que, depois da sua desconfessionalização, alguns membros do partido comunista passaram a manifestar publicamente sua fé cristã, e cristãos ingressavam no partido. Carneado (apud BETTO, 2015, p. 424) destacou que foram tempos difíceis quando o ateísmo era dogma de partido, mas que “muitos que foram afastados do Partido, por terem se casado na Igreja, ou batizado um filho, agora reingressam em nossas fileiras”. Sobre isso, Frei Betto (BETTO, 2015, p. 424) fez a seguinte anotação:

Pareceu-me que Carneado mostrava-se sensível à dificuldade de os setores cristãos da

Ilha aceitarem Lênin, visto como inspirador do modelo autoritário de partido único e do ateísmo como critério de firmeza ideológica.

Para Frei Betto (BETTO, 2015, p. 454-455), “a Revolução Cubana, ao contrário da russa, não se fez contra a religião”, mas “o apoio do Kremlin teve seu preço ideológico: Estado e Partido Comunista declararam-se oficialmente ateus; os currículos escolares incluíram a disciplina ‘ateísmo científico’”. A seu aviso, “a abertura da Revolução ao fenômeno religioso deu-se graças à Revolução Sandinista e ao desmoronamento do socialismo europeu” (BETTO, 2015, p. 455). Dessa forma, para ele, “a queda do Muro de Berlim contribuiu para desdogmatizar princípios fundamentais do marxismo vulgar” (BETTO, 2015, p. 455). Não representou, portanto, o fim do marxismo, mas libertação e recomeço.

Papas em Cuba: depois do frei chegaram os papas

Em janeiro de 1998, durante sua visita à ilha, o papa João Paulo II “evitou extremos: nem condenou nem canonizou a Revolução”, decepcionando os anticastistas de Miami e deixando Fidel aliviado, dado que se tratava de uma visita de alto risco (BETTO, 2015, p. 456-458).

Na reunião de avaliação da visita do papa feita por Fidel, na qual Betto também se encontrava, no final de janeiro de 1998, o revolucionário cubano destacou que o país ganhara um “expressivo aliado contra o bloqueio dos EUA a Cuba”, que o papa polonês classificou como “injusto e eticamente inaceitável” (BETTO, 2015, p. 458). Fidel surpreendeu-se com a crítica do pontífice ao “capitalismo neoliberal” e ficou agradecido “pelo modo respeitoso como o papa tratou o povo cubano” (BETTO, 2015, p. 458).

Anos depois, em março de 2012, Betto encontrava-se em Havana para acompanhar também a visita de Bento XVI quando tomou conhecimento que Ratzinger dissera, na entrevista que concedera aos jornalistas no voo que o levava à Ilha, que o marxismo “já não é mais útil” (BETTO, 2015, p. 506).

Em sua resposta, Frei Betto (2015, p. 506-507) lembrou que a casa de Ratzinger também tem telhado de vidro:

Poder-se-ia dizer hoje: o catolicismo não é mais útil, porque já não se justifica enviar mulheres tidas como bruxas à fogueira nem torturar suspeitos de heresia. Ora, felizmente o catolicismo não pode ser identificado com a Inquisição, nem com a pedofilia de padres e bispos. Do mesmo modo, o marxismo não se confunde com os marxistas que o utilizaram para disseminar o medo, o terror, e sufocar a liberdade religiosa. Há que voltar a Marx para saber o que é marxismo; assim como há que retornar aos Evangelhos e Jesus para saber o que é cristianismo, e a Francisco de Assis para saber o que é catolicismo.

Para o religioso brasileiro, o que “já não é útil” é o capitalismo, um sistema “intrinsecamente perverso” (BETTO, 2015, p. 507), com o qual “a Igreja Católica muitas vezes é conivente”, “porque este a cobre de privilégios e lhe franqueia uma liberdade que é negada, pela pobreza, a milhões de seres humanos” (BETTO, 2015, p. 508).

Ao contrário, para Betto (BETTO, 2015, p. 508),

o marxismo, ao analisar as contradições e insuficiências do capitalismo, nos abre uma porta de esperança a uma sociedade que os católicos, na celebração eucarística, caracterizam como o mundo em que todos haverão de “partilhar os bens da Terra e os frutos do trabalho humano”. A isso Marx chamou de socialismo.

E concluiu essas suas anotações ao comentário de Bento XVI citando o livro *O capital*

– *um legado a favor da humanidade*, do arcebispo católico de Munique, Reinhard Marx, nomeado Cardeal por Bento XVI em 2010. Por ocasião do lançamento desse livro, em 2011, o cardeal alemão, que chamou Karl Marx de “querido homônimo”, destacou que “Marx não está morto e é preciso levá-lo a sério”: “Há que se confrontar com a obra de Karl Marx, que nos ajuda a entender as teorias da acumulação capitalista e o mercantilismo. Isso não significa deixar-se atrair pelas aberrações e atrocidades cometidas em seu nome no século XX” (apud BETTO, 2015, p. 508).

Em suma, uma coisa é a obra de Marx, cujo livro *O Capital*, segundo o cardeal alemão é *um legado a favor da humanidade*, outra, diferente, o uso dela pelo seu vasto, heterogêneo e contraditório fã clube internacional.

Posteriormente, em setembro de 2015, quem visitará Cuba será um papa argentino, com uma avaliação do capitalismo diferente da que sustentou o reformismo dos papas anteriores. No seu encontro com Fidel Castro, em sua casa, no dia 20 de setembro de 2015, Papa Francisco recebeu das mãos do revolucionário cubano, de presente, o livro subversivo de Frei Betto e Fidel Castro sobre religião.

Segundo o então porta-voz do Vaticano, padre Federico Lombardi (2015), o revolucionário cubano escreveu na dedicatória de *Fidel e a Religião*: “Para o papa Francisco em ocasião de sua visita a Cuba, com a admiração e o respeito de todo o povo cubano”.

Fidel e a Religião entrou assim no Vaticano, na bagagem de um papa, como presente de um revolucionário cubano. Se Francisco o leu, não sabemos, mas, de fato, emerge que há certa sintonia política entre o frei brasileiro e o papa argentino.

Um aliado inesperado

Entre João Paulo II, Bento XVI e Papa Francisco há solução de continuidade e, também, relativa diversidade. O âmbito de atuação e reflexão dos papas é muito amplo e em tal situação de complexidade e amplitude existe continuidade (tradição) e modificações hermenêuticas e de atuação vinculadas às mudanças históricas e alterações hermenêuticas em relação a tais transformações contextuais. No caso do Papa Francisco, a questão ambiental, o risco vital-ambiental produzido pela lógica do lucro a qualquer custo fez com que a crítica ao capitalismo sem freios (*effrenus*), já presente no pensamento de João Paulo II e Bento XVI, se tornasse mais radical, gerando, indiretamente, uma aproximação em relação ao pensamento crítico de Frei Betto em relação ao capitalismo. Papa Francisco não nega a importância das reformas sociais, mas vai mais além do reformismo, propondo uma posição reformadora radical em relação à hegemonia do lucro. Ele manifestou sua posição crítica em relação ao capitalismo internacional sobretudo nos seus três encontros com os movimentos populares internacionais, dois deles realizados em Roma (2014 e 2016), e um na Bolívia (2015).

Para Francisco, de fato, é preciso “lutar contra as causas estruturais da pobreza”, “fazer face aos efeitos destruidores do império do dinheiro” (PAPA FRANCISCO, 2014, p. 2). A seu aviso,

há um elo invisível que une cada uma das exclusões. Não se encontram isoladas, estão unidas por um fio invisível. Conseguimos nós reconhecê-lo? É que não se trata de questões isoladas. Pergunto-me se somos capazes de reconhecer que estas realidades destrutivas correspondem a um sistema que se tornou global. Reconhecemos nós que este sistema impôs a lógica do lucro a todo custo, sem pensar na exclusão social nem na destruição da natureza? (PAPA FRANCISCO, 2015c, p. 2)

A dramaticidade da exclusão e destruição do “solo, água, ar e todos os seres da criação” (PAPA FRANCISCO, 2015c, p. 2) indica que o sistema precisa ser urgentemente transformado caso se queira evitar o apocalipse ambiental:

Digamo-lo sem medo: Queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Este sistema é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos... E nem sequer o suporta a terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco (PAPA FRANCISCO, 2015c, p. 02).

Para ele o capitalismo precisa ser freado também pelo risco de colapso do planeta, pela destruição da terra, do ar e da água, o que representaria a possibilidade de uma espécie de apocalipse ambiental.

Em suma, para Francisco (2015c, p. 03),

Quando o capital se torna um ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez de dinheiro domina todo o sistema socioeconômico, arruína a sociedade, condena o ser humano, transforma-o em escravo, destrói a fraternidade inter-humana, faz lutar povo contra povo e, até, como vemos, põe em risco esta nossa casa comum, a irmã e mãe terra.

Ainda em 2015 ele destacou que

a causa principal da pobreza é um sistema econômico que deslocou a pessoa do centro e ali colocou o deus dinheiro; um sistema econômico que exclui, exclui sempre: exclui as crianças, os idosos, os jovens, sem trabalho... e que cria a cultura do descarte em que vivemos (PAPA FRANCISCO, 2015a).

Francisco, portanto, radicaliza a já tradicional crítica feita pela Doutrina Social da Igreja Católica ao capitalismo sem freios sociais. Abre um capítulo diferente, mais antissistêmico na Doutrina Social da Igreja mas sempre na relação de continuidade e inovação que a tipifica.

Sobre Francisco, Frei Betto (2016) declarou, em setembro de 2016, na Itália, onde encontrava-se para o Festival Internacional de Literatura de Mântua, que

em mais de 70 anos eu não tinha visto um milagre na Igreja, desde a eleição do Papa João XXIII. Eu pensava que algo assim nunca mais voltaria a acontecer. E outro milagre aconteceu: a eleição de Bergoglio, o Papa Francisco.

Para o brasileiro, “Francisco é, efetivamente, o primeiro Papa que fala das causas das injustiças no mundo” (BETTO, 2016). Papas anteriores criticaram os efeitos do capitalismo, mas

Francisco vai além, aponta as causas. Nenhum Papa havia feito isso antes. Em sua encíclica *Laudato Si'* ele aponta que a desigualdade vem de um sistema que tem o capital como prioridade e não os direitos humanos. Disse que o problema ecológico não pode ser visto sem levar em conta o aspecto social, porque o desequilíbrio ambiental afeta, sobretudo, os mais pobres (Ibidem).

Conclusão

Neste artigo apresentamos a contestação da associação entre socialismo e ateísmo por Frei Betto em sua militância internacional (política e literária) em prol da superação de tal aproximação. É verdade que o pensamento de Betto está associado ao contexto do pensamento mais amplo do movimento da Teologia da Libertação, mas é verdade, também, a nosso aviso, que em Betto a rejeição da confessionalidade (ateísmo) do socialismo se manifesta de uma forma peculiar que não emerge na produção literária de outros autores desse movimento internacional, nem com as mesmas características prático-teóricas típicas do pensamento político do brasileiro Betto.

Se, de um lado, a ação do religioso brasileiro conseguiu obter êxito em Cuba, onde de fato houve a troca do confessionalismo (ateísmo) de Estado pela laicidade, a permeabilidade que ocorreu em Cuba não se verificou, como vimos, em outras partes do mundo socialista. Todavia, para além dos resultados históricos positivos ou menos exitosos, a atuação e pensamento de Betto restam como paradigma político de um socialismo pós-ateísta, laico. Betto propõe assim, direta e indiretamente, a libertação epistemológica e política do socialismo e marxismo internacionais das amarras da confessionalidade redutiva do ateísmo.

Referências

- BENTO, Fábio Régio. *Marxismo e religião. Revolução e religião na América Central*. Jundiaí-SP: Paco, 2016.
- BENTO, Fábio Régio. Sobre o ateísmo do Socialismo Soviético: origens exógenas, influência internacional e repercussão nas políticas públicas locais. *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 16, n. 2, p. 461-488, dez. 2017.
- BEOZZO, José Oscar. *Cristãos na Universidade e na Política: história da JUC e da AP*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BETTO, Frei. *Cristianismo e marxismo*. Petrópolis: Vozes, 1986a.
- BETTO, Frei. *Fidel e a religião*. São Paulo: Brasiliense, 1986b.
- BETTO, Frei. O socialismo morreu. Viva o Socialismo! *REB*, Petrópolis, vol.50, fasc.197, mar. 1990, p.173-176.
- BETTO, Frei. *Batismo de sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BETTO, Frei. *Calendário do poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- BETTO, Frei. *Paraíso perdido: viagens ao mundo socialista*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- BETTO, Frei. *Entrevista em Mântua*. Setembro 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/560650-francisco-e-o-primeiro-papa-que-fala-das-causas-da-injustica-no-mundo-entrevista-com-frei-betto>. Acesso em: 07 dez. 2017.
- BOFF, Leonardo. Cuba precisa de revolução da liberdade. *Entrevista à DW* (Deutsche Welle). 30 nov. 2016. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/cuba-precisa-de-revolucao-da-liberdade/a-36574574>. Acesso em: 29 fev. 2020.

CARDENAL, Fernando. **Junto a mi pueblo, con su revolución: memorias**. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

CARLETTI, Anna; FERREIRA, Marcos Alan. **Religião e Relações Internacionais**. Curitiba: Juruá, 2016.

CARLETTI, Anna; FERREIRA, Marcos Alan. Religião no ensino e na pesquisa em Relações Internacionais do Brasil. **Meridiano 47**, vol. 19, p.1-17, 2018.

CUBA. **Constitución de la República de Cuba** (1992). Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/cuba.htm>. Acesso em: 29/02/2020.

HAYNES, Jeffrey. Religião nas relações internacionais: teoria e prática. *In*: CARLETTI, Anna; FERREIRA, Marcos Alan. **Religião e Relações Internacionais**. Curitiba: Juruá, 2016, p. 21-51.

LIMA, Haroldo; ARANTES, Aldo. **História da Ação Popular: da JUC ao PCdoB**. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.

LOMBARDI, Federico. **Visita Papa Francisco em Cuba**. 20 set. 2015. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2015-09-20/fidel-castro-presenteia-papa-francisco-com-livro-do-brasileiro-frei-betto.html>. Acesso em: 29 fev. 2020.

LÖWY. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (196-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARX, Karl. **Carta a Friedrich Bolte**. 1871. Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/m-e/cartas/m23-11-71.htm>. Acesso em 04 out. 2017.

PAPA FRANCISCO. **Discurso aos participantes no I Encontro mundial dos movimentos populares**. Vaticano, out. 2014. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html. Acesso em: 14 dez. 2017.

PAPA FRANCISCO. **Audiência geral**, quarta-feira, 21 de janeiro de 2015a. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2015/documents/papa-francesco_20150121_udienza-generale.html. Acesso em: 15 dez. 2017.

PAPA FRANCISCO. **Discurso aos participantes no II Encontro mundial dos movimentos populares**. Bolívia, julho de 2015c. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html. Acesso em 14 dez. 2017.

SYDOW, Evanize; FREIRE, Américo. **Frei Betto. Biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.